

Fernando Meligeni
com André Kfourri

As decisões do coração estão sempre certas

*e outras verdades que aprendi com
meu pai sobre o tênis e a vida*



Para Concepcion e Paula Meligeni, minhas referências de força, garra e amor. Sem vocês, não haveria tênis, carreira ou este livro.

— FERNANDO MELIGENI

Para Luiza e Julia, que me estimulam todos os dias a ser o pai que elas merecem ter.

Para Aninha, Guilherme e Eduardo, vocês sabem por quê.

— ANDRÉ KFOURI

Por Una Cabeza



O tênis entrou na vida do meu pai por acidente, literalmente. Jogando como goleiro numa pelada entre publicitários, ele levou uma joelhada na cabeça numa dividida, e ali terminou sua “carreira” no futebol. Um traumatismo craniano e dias tensos no hospital se encarregaram de mostrar a ele que era melhor procurar um esporte que envolvesse menos riscos e, em pouco tempo, a convite de um amigo, deu as primeiras raquetadas nas quadras de tênis do Pacaembu. Eu tinha 7 anos e o acompanhava muito mais porque gostava de estar com ele do que por interesse no esporte. Meu papel era o de pegador de bolas, mas eu gostava mesmo de tumultuar.

O acidente no futebol deixou um afundamento bem visível na testa do meu pai e um ensinamento ainda mais claro em sua forma de ver as coisas. Foi como se ele tivesse aprendido a importância do tempo. “No pierdas tiempo, Fer. El tiempo no vuelve”, ele dizia. E dava o exemplo.

Conheci poucas pessoas que sabiam equilibrar a carreira e a vida pessoal como ele. Na hora de trabalhar, foco total e dedicação inegociável ao que deve ser feito, e do jeito certo. Na hora do lazer, o mesmo compromisso. Eu tive que aprender a compreender o cara que me dava longos sermões quando percebia que meu nível de concentração estava deixando a desejar, mas adorava receber os amigos para churrascos e pizzadas que ele mesmo fazia e servia, sem hora para terminar.

Uma de suas frases preferidas era “Antes de pedir, devemos oferecer”, e ele oferecia como poucos. Gostava de fazer tudo com as mãos, gostava do processo de pensar a comida antes de começar a prepará-la, gostava de vê-la ficando pronta e, mais do que tudo, gostava de servi-la. Não aceitava palpite ou provocações. Quando eu brincava que a massa estava queimando ou que a pizza ia ficar ruim, ele me olhava de lado e fuzilava: “No sabes nada, pendejo. Acá el profesional soy yo. Juega tu tenisito que, si tienes 10% de mi talento, sois número uno del mundo.” As pizzas eram incríveis, os churrascos, também. Ele sabia que era muito talentoso na cozinha, mas falava pouco sobre suas competências profissionais. Naquela época eu fazia alguma ideia dos motivos pelos quais tínhamos nos mudado para São Paulo, mas não conversávamos muito a respeito. Quando passávamos diante de um outdoor exibindo um carro novinho, ele, no máximo, contava que aquela foto era dele. “Soy un Meligeni, un obrero de la fotografía, pero tengo mis triunfos”, dizia.

Certo dia, quando eu já era adulto e tenista estabelecido, fui participar de uma campanha cujo fotógrafo era o famosíssimo J. R. Duran. Comentei com meu pai na véspera. “Buen tipo”, disse o viejo, sem grande entusiasmo. Quando chegou ao estúdio, Duran, carinhosíssimo, logo quis saber qual era meu grau de parentesco com “El Gringo”. Quando respondi, ele já estava com o comentário na ponta da língua: “Você sabe que o Meligeni bom da família é ele, né?”

Eu sabia, mas ainda não sentia. Pouco tempo depois, coisa de alguns meses, entramos num restaurante japonês em São Paulo. Era um lugar relativamente pequeno, sempre com uma música ao vivo bem discreta, um ambiente intimista que ele adorava. Estava cheio na hora em que chegamos, e a reação das pessoas foi típica de quando aparece alguém famoso. Eu tinha encerrado minha carreira havia pouco tempo e cheguei a pensar que o alvoroço era por minha causa. Mas a clientela não era tão diversa quanto se costuma ver num restaurante. Era uma turma parecida, mais velha, com o mesmo perfil. Todos se uniram num aplauso coletivo, alguns em pé. Eu estava pronto para agradecer quando ele me deu um toque no ombro, se aproximou de mim e revelou: “Tranquilo, pibe. Es para mí.”

Eram fotógrafos, publicitários, diretores de arte, donos de agências, gente do mundo que meu pai habitou por anos e no qual ele era um grande nome. Muitos ali não o viam fazia muito tempo e não conseguiram esconder a alegria. Eu me enchi de orgulho ouvindo os elogios, percebendo a felicidade que preenchia aquele reencontro. Ele

sorriu para todos, abraçou longamente os mais próximos, mostrou-se agradecido e satisfeito por aquela situação inesperada. À mesa, voltou a falar sobre a importância de não se dar muita importância. “Enquanto estamos curtindo nossos feitos, os outros estão trabalhando, estudando, aprendendo e provando coisas novas.” Meu pai era um forasteiro num mundo que cultua o autoelogio, porque não esperava ou precisava do elogio de ninguém. “O resultado é definitivo”, dizia. “Ao final, somos do tamanho que realmente merecemos.”

Voltando às quadras do Pacaembu, o tênis logo conquistou a família. Minha mãe, minha irmã e eu, por último, aos 7 anos. Jogava muito contra meu pai e até os 10 anos não consegui vencê-lo. Ele fazia questão de ganhar de mim, jamais me deu qualquer coisa dentro da quadra, de forma que eu teria que aprender a superá-lo. Mesmo tão cedo, percebi que um dos aspectos mais importantes do esporte é a parte mental. Meu pai jogava um tênis bem limitado, mas obviamente era mais forte e até mais atlético que eu. Acima de tudo, claro, era meu pai, o que me estimulava e me bloqueava de maneiras semelhantes. Com o passar do tempo fui melhorando e crescendo, e os jogos foram ficando mais duros, mas eu seguia perdendo. Ele não mostrava satisfação, não me provocava, mas não facilitava em nada. “Você começará a estar pronto quando me vencer”, brincava. Era uma referência de evolução e uma forma de me avaliar em atitude, postura, mais do que em tênis. Até que o dia chegou.

Foi no Clube de Campo do Castelo, na represa de Guarapiranga, de onde tínhamos nos tornado sócios. Nos sábados de manhã, jogávamos duplas como parceiros. À tarde, éramos adversários. Lembro que não tinha ninguém vendendo, nenhuma pressão extra além da minha própria vontade de ganhar e do tamanho daquele desafio interno. Fui vencendo pontos, games, me aproximando do que nunca tinha conseguido fazer, justamente o momento em que tudo ficava complicado e eu travava. No set point, bati bem forte na bola. Ela voltou muito alta, daquele jeito que a gente sabe que vai para fora. Foi como uma imagem em câmera lenta. Tentei esboçar um sorriso ou até uma vibração, mas não fui capaz. Nos encontramos na rede, nos cumprimentamos e ele disse: “Parabéns, Fer.” Nem uma sílaba a mais. Os olhos, porém, foram muito mais eloquentes. Revelaram o orgulho que ele não verbalizou, mostrando como seria a nossa relação durante minha carreira como tenista profissional. Muitos sentimentos, poucos elogios.

*Paula e eu depois de mais
um jogo que ela venceu,
porque era sempre assim que
terminavam nossas partidas*

Un Tropezón



“Com você só não negocio o caráter. Nessa área exijo a excelência.”

Não lembro quantas vezes ouvi essa frase, ou variações com o mesmo significado. Meu pai liderava por exemplos e educava com coerência. Como estrangeiro no Brasil, sempre se preocupou em manter uma fronteira bem visível entre o certo e o errado para que nunca tivéssemos dúvida sobre como agir, embora o processo de criar filhos seja um caminho repleto de armadilhas. Sempre esteve claro para nós que os ensinamentos deveriam marcar posturas. Quando não percebíamos por conta própria, ele se encarregava de explicar e corrigir. “Um erro e nos deportam”, dizia, como forma de nos manter sempre em alerta e atentos.

Pode parecer uma postura extrema quando se pensa na formação de crianças, cujo mundo é muito mais simples e inocente, mas a retidão sempre foi um ponto sobre o qual

não havia debate, por mais rotineira que fosse a situação. Essa maneira de se conduzir permaneceu imutável até os últimos anos de vida do meu pai. Foi nessa época que eu, já com a raquete pendurada, comecei a me posicionar publicamente a respeito dos problemas da estrutura do esporte no Brasil. “Você está criando inimigos”, ele me disse ao telefone. “Gente que vai sempre esperar pelo seu primeiro erro para te destruir. Admiro sua postura, mas te recomendo cuidado: não faça besteiras, não pegue atalhos, não ceda às tentações. A responsabilidade pelas atitudes que você tomar será sempre sua.”

Paula era a minha protetora quando estávamos fora de casa. Como quase não tínhamos amigos no início, vivíamos juntos e ela estava sempre pronta para comprar minhas brigas, coisa típica de irmã mais velha. Também era a minha adversária de todos os dias quando comecei a jogar tênis, primeiro porque não havia outra opção, e segundo porque ganhar de mim era fácil. A quadra, o paredão do clube e a garagem de casa eram nossas arenas, e ela fazia questão de vencer sempre. Nossas disputas no paredão começaram a ficar mais acirradas, o que fez surgir uma irmã que vibrava na minha cara quando vencida um ponto e contava em voz alta: “Nove a quatro pra mim!” Eu queria morrer. Sentia a cabeça latejar, pressentia a derrota e a vergonha que duraria horas. Num tarde qualquer, me descontrolei. Ao perder um ponto, fui andando em direção ao alambrado e arremessei a raquete com toda a força, mas acabei acertando um poste. O impacto transformou

a minha querida raquete de alumínio numa meia-lua. O jogo e o dia acabaram ali. Percebendo o tamanho da bobagem, só me restou começar a chorar.

O respeito pelo valor das coisas sempre foi uma questão importante em nossa casa. Eu sabia qual seria a reação do meu pai ao ver a raquete desfigurada e o que isso significaria para mim, mas teria que enfrentar o momento. À noite, quando ele chegou, tirei lentamente a raquete da capa e revelei minha obra. Para minha surpresa, ele se manteve calmo. “Que pena, Fer. Agora você vai ter que aprender a jogar com a raquete assim”, ele disse e se levantou. Nada de bronca, nada de sermão, nada de castigo. Pensei que tinha escapado.

Chegou o fim de semana e eu tinha um torneio para jogar. Quis saber como resolveríamos o problema, e meu pai respondeu que o problema estava resolvido. “Que outra raquete você tem?”, perguntou. Tentei argumentar dizendo que não conseguiria jogar, que iria perder, sem perceber que a lição estava exatamente em não conseguir jogar com uma raquete amassada e, muito provavelmente, ser derrotado. Perdi, claro, mas o pior foi a vergonha de passar uma hora na primeira quadra do clube, com todo mundo vendo a raquete daquele jeito. Meu pai permaneceu ali, batendo palmas e me incentivando, como se não houvesse nada de diferente. A quem perguntava, ele contava o que tinha acontecido e falava sobre o aprendizado pelo qual o filho de 10 anos precisava passar.

Por volta dos 13 anos, o aprendizado seguiu com outro

exemplo de que não me esqueço. Eu ia jogar contra um menino que costumava “se enganar” em muitas bolas duvidosas na quadra dele. Para quem não está familiarizado, os torneios infantis e juvenis não têm juízes na quadra. Cada jogador canta quando a bola é fora do seu lado, numa dinâmica que testa a honestidade de alguns e a paciência de todos. Esse menino, por algum motivo, cantava muitas bolas fora, especialmente em pontos importantes. Eu já o tinha enfrentado algumas vezes e sentido na pele a desagradável impressão de ter sido roubado, mas não sabia como iria me comportar quando acontecesse de novo. No carro, indo para o clube, meu pai me apresentou as opções. “Você tem três possibilidades: a primeira é não fazer nada, como das outras vezes; a segunda é chamar o árbitro geral e causar uma confusão; a terceira é roubar também.”

Fomos para o jogo e, logicamente, o tempo esquentou. O menino roubava sem o menor constrangimento, mas eu já tinha decidido o que fazer. Com 4/4 no primeiro set, 30/40, ele errou o primeiro saque. O segundo veio fraquinho, com todo o cuidado, e pingou no meio do quadrado. Dei dois passos para a frente, gritei “Fora!”, peguei a bolinha e fui me sentar. “5/4 para mim”, avisei. Não deu tempo de chegar na cadeira. O pai do menino entrou na quadra, furioso, e veio na minha direção. Foi a primeira vez que vi meu pai dentro da quadra num jogo meu. Depois de alguma discussão, os ânimos se acalmaram o suficiente para que o jogo prosseguisse. Ganhei por 6/4 e 6/0 e fui embora me sentindo um estrategista.

“Estou decepcionado, filho”, disse meu pai, enquanto andávamos até o carro. Eu não soube o que responder. Lembrei as opções que ele me dera antes do jogo e pensei em dizer que escolhi uma das sugestões que ele próprio mencionou. Mas, na verdade, ele não estava dando sugestões, e sim apresentando os cenários possíveis, em que eu teria de identificar o que era certo. Durante a volta para casa, entre longos períodos de silêncio, meu pai me mostrou que não podemos responder aos erros dos outros com atitudes igualmente censuráveis. E me avisou: se me visse roubando outra vez, mesmo que fosse um ponto, minha carreira no tênis estaria encerrada muito antes de começar.

*Osvaldão satisfeito
ao apresentar a piscina da
casa de Angra, mais uma
obra que ele construiu com
as próprias mãos*

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (900 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (3 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (700 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (700 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (650 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (350 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (350 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (500 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

